

O fio da história: representações históricas, ideológicas e culturas em Pepetela

Micheline Tacia de Brito Padovani¹

Resumo:

O presente artigo procura analisar aspectos culturais, ideológicos e históricos relacionados a memória e identidade na obra *O planalto e a estepe*, do escritor angolano Pepetela. Assim, demanda esforço e reflexão acerca da situação do contexto social, com ênfase no período pós-colonial de Angola. Partindo da premissa de que a religiosidade, a cultura e a identidade angolana caracterizam-se como muitos olhares discursivos que se cruzam na narrativa. Como aporte teórico – metodológico privilegiamos os estudos propostos por Antônio Candido (1995, 2011, 2013), Dominique Maingueneau (1995, 2006, 2020), Fonseca (2003) e Hall (2016), entre outros. O processo metodológico, constitui-se do estudo dos subsídios históricos angolanos presentes na obra, buscando: 1) analisar metáforas discursivas como procedimento semântico discursivo e como veículo de redescoberta e de transmissão de elementos culturais, históricos e sociais de indivíduos lusófonos; 2) identificar aspectos que dizem respeito a cultura local e que apontam para a apropriação de identidade nacional; 3) Conclusão. Além disso, seguimos a hipótese de que a pesquisa com textos literários pressupõe um trabalho de equilíbrio entre os conceitos teóricos e uma visão ligada as tradições culturais que elas representam.

Palavras chave: Identidade. Ideologia. Cultura. Memória. Literatura angolana.

Introdução

O crítico literário e analista do discurso ao se deparar com um exemplar de uma literatura africana em Língua Portuguesa costuma ficar diante da condição pós-colonial e da complexidade cultural, ideológica e histórica apresentada por essas literaturas. A pesquisa com esses textos literários pressupõe um trabalho de equilíbrio entre os conceitos teóricos e uma visão ligada as tradições culturais e ideológicas que elas representam. O romance *O planalto e a estepe*, do escritor angolano Pepetela, apresenta em seu enredo questões do universo cultural e ideológico do período histórico pós-colonial em Angola. Para tal, a narrativa é dividida em dois momentos: o período colonial português; o período pós-colonial e pós-guerra.

¹ Doutoranda em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista Capes. E-mail: mtbpadovani@gmail.com

Nessa esteira de pensamento destacamos a importância que a literatura africana em língua portuguesa tem tanto em relação ao texto literário quanto ao grau de criticidade e de representação do contexto africano, além da valorização de questões sociais que interagem com todo o processo de construção da identidade cultural. A memória representada pela palavra aponta para a reflexão sobre as relações sociais, evocando a sua contribuição para a construção e manutenção da cultura e da identidade (individual, coletiva) em Angola. Apresentando-a como uma nação que vive os reflexos do processo de descolonização, híbrida, uma vez que é formada pelas raízes culturais africanas, pelas raízes culturais migratórias dentro do próprio país e pelas raízes culturais do continente, além das raízes culturais europeias, todas retratadas de forma imagética na literatura, servindo de instrumento denunciador da história que não contada no passado.

Dessa forma, o país africano é representado como uma nação que “vive uma realidade múltipla”. Angola é a soma de uma nação fragmentada que se estrutura dentro de dois contextos históricos: o colonialismo e o período de emancipação territorial, sendo este um contexto de luta por libertação de guerra civil. Assim, por meio da representação literária, o discurso literário, revela uma nação com grande diversidade cultural e social. Uma sociedade em que a religiosidade, a cultura e a identidade de povos nativos foram negadas em função da cultura, identidade e ideologia colonizadora, mas que resistiu aos ideias coloniais e está presente nos diversos contextos históricos sociais da atualidade.

Dito isto, é válido dizer que a literatura angolana em língua portuguesa expõe o espaço cultural, ideológico e histórico lusoangolano, além da concepção de mundo e identidade dos povos que ali vivem. Dessa forma, a literatura é um meio de representação e apropriação do contexto histórico e cultural e da realidade local de Angola. Além disso, com o processo de independência das ex-colônias portuguesas em África, a expressão literária se apropria do processo de descolonização de forma denunciadora, ou seja, a literatura objetiva reunir questões históricas, culturais e identitárias para apontar como se dá a tradição, a valorização cultural local e a resistência em relação ao colonizador. A literatura pós-colonial funciona como instrumento social que opera para a reconstrução da identidade nacional multifacetada e silenciada por anos de colonialismo.

É importante dizer ainda que a literatura e a cultura são fenômenos sociais vivos e entremeados e, também que, a literatura angolana em língua portuguesa reforça a consciência sobre o valor de cidadania, fortalece os valores sociais e desenvolve a capacidade de diálogo e de interesse pela nação, fortifica a esperança que nasce no

confronto com a linguagem e a arte literária. A literatura tem em si a representação escrita da sociedade, sendo um instrumento de manifestação social. Ela atua como a voz do povo que representa, levando a outras questões como: os anseios e, os relatos de guerra e, de diversidade cultural, social, econômica e política.

Convém dizer ainda que para entender o contexto atual de Angola, expresso de forma épica em Pepetela, torna-se, necessário, compreender o contexto histórico social do passado, vivido pelo país, com várias nuances e que marcaram o panorama nacional. Dessa forma, buscamos, por meio da análise, entender o contexto cultural, ideológico e identitário de Angola, que após a independência do país registra adversidades culturais, políticas e econômicas e que são relatadas discursivamente na literatura como forma de protesto.

Literatura angolana: cultura, identidade e memória

A literatura angolana apresenta diversas características sociais e culturais de forma denunciadora do contexto histórico vivenciado durante o período de colonização portuguesa, durante o período de libertação e o período pós-colonização. A língua portuguesa, língua de prestígio, assumiu este posto pela sua representação comercial, era a língua usada no processo de ensino nos colégios católicos em período colonial e, também, a língua com representação escrita. Segundo Lopes (2004, p. 240), a:

[...] língua se relaciona com a sociedade porque é a expressão das necessidades humanas de se congregar socialmente, de construir e desenvolver o mundo. A língua não é somente a expressão da “alma” ou do “íntimo” do que quer que seja do indivíduo é, acima de tudo, a maneira pela qual a sociedade se expressa, como se seus membros fossem a sua “boca”.

A língua é um patrimônio social, não pertence a um indivíduo apenas, mas a uma sociedade, a todos os seus usuários e aos seus interesses. É com ela que as representações sociais e históricas são apresentadas ao mundo por meio da literatura. Assim, a língua é uma forma de expressão individual e coletiva, pois mostra os interesses individuais e coletivos de uma sociedade. Dessa forma, a língua é poder quando contextualizada em sociedade, quando é usada para que os indivíduos interajam uns com os outros, no comércio, na escola, na igreja, ou seja, nas diversas esferas sociais.

Vale enfatizar então que, a língua é um instrumento que serve aos usuários nas interações diversas, refletindo seus anseios, sentimentos, emoções, ou seja, expressa as reações e manifestações do indivíduo, e em consequência disso, expressa a “identidade

que se manifesta e se sustenta através da língua faz sentido” (LOPES, 2004, p. 241). Assim, a identidade de um indivíduo é a língua, transmitida entre gerações na interação social. Com ela a identidade cultural do povo é expressa, fazendo com haja reconhecimento dos grupos étnicos.

Desse modo, a identidade étnica caracteriza-se como um conjunto de elementos: língua, cultura, costumes, religião, raça etc. A formação de identidade social não constituída por um único elemento ou característica, mas sim um conjunto delas que determinam se uma pessoa é ou não daquela sociedade-nação. No decorrer da história da humanidade várias nações tiveram problemas com conflitos étnicos, em Angola não foi diferente.

Os conflitos étnicos, geralmente, nas sociedades modernas têm relação com raça ou religião, ou melhor, usa-se a raça ou a religião para se justificar os conflitos. Entretanto, tais conflitos precisam ser analisados de forma profunda, a fim de se perceber outros interesses: político ou econômico que ficam camuflados. Além disso, “não podem ser explicados, exclusivamente, em relação aos valores da raça, cor, crença, língua ou da identidade étnica de um indivíduo. O que edifica ou destrói um homem (ou uma mulher) é a maneira como ele(a) vive ou é forçado(a) a viver” (LOPES, 2004, p. 242).

Nos conflitos sociais, sempre existiu a presença do opressor e do oprimido, em lados opostos. Essa oposição se dá pela disputa de poder, no qual o oprimido se submete à ideologia do opressor, que explora e domina segundo seus interesses. Assim, também, é o racismo, que explora e oprime, organizando-se conforme o interesse do opressor. Esse tipo de opressão está em todas as sociedades modernas. A obra *O planalto e a estepe*, de Pepetela, nos mostra como essas questões entre opressor/oprimido e o racismo estão interligadas e inseridas na sociedade angolana.

Para alguém não familiarizado com a realidade histórica e cultural de Angola, a leitura de uma obra literária contemporânea pode funcionar como uma revelação dos fatos históricos por ela apresentados. Entre esses fatos e, em uma sociedade como Angola, a diversidade cultural permeia todos os ambientes sociais, consiste em “prática de acomodar culturas distintas, numa única sociedade, sem preconceito ou discriminação” (BECHARA, 2011, p. 836). O contexto histórico social angolano propicia para a acomodação de culturas distintas, partindo da premissa de que em ambiente angolano a

cultura do colonizador, a cultura do povo nativo e a cultura de outros povos que visitam o país para estudar, fazer negócios etc. estão em permanente diálogo.

Diante do exposto, pode-se dizer que os grupos multiculturais sempre estiveram presentes na sociedade e na história da humanidade com maior ou menor intensidade conforme a época ou os interesses sociais. Com isso, pessoas, grupos e populações inteiras têm se deslocado ao longo dos séculos por vários motivos: natural, geográfico, colonial, escravidão, guerra civil, regime político. A história da humanidade nos aponta que os grandes impérios, entre eles, o império português (produto de conquista e dominação), são, geralmente, multiculturais. Sendo assim, “os impérios grego, romano, islâmico, otomano e europeu foram todos, de forma distinta, multiétnicos e multiculturais” (HALL, 2003, p. 55).

O multiculturalismo em Angola, se dá também pela diversidade linguística de seu território, decorrente da pluralidade étnica, o que contribui para a inclusão, para a exclusão e para a desigualdade social. O país é retratado na literatura pela sua estrutura formada por várias etnias e comunidades histórico-culturais, em um rico e diversificado patrimônio cultural. Dessa maneira, o multiculturalismo em Angola não deve evidenciar apenas os padrões culturais preestabelecidos, é importante procurar um equilíbrio entre todos os padrões culturais existentes na sociedade. Com isso, possibilita-se o contato e a compreensão de padrões culturais da minoria étnica que habitam o território nacional angolano. Nessa perspectiva Lopes (2013, p. 07) destaca que:

[...] o conceito de multiculturalismo tem-se prestado a interpretações variadas [...] que enquadra o conceito num contexto contemporâneo e específico, associando-o à noção de política linguística. [...] o conceito de sociedade multicultural tem significado a manutenção de uma cultura dominante sobre as outras culturas, regra geral culturas das ‘minorias’, e a aceitação dessas mesmas culturas. Esta aceitação das outras culturas é, por outro lado, questionada, reivindicando-se um projecto cultural plural.

Desse jeito, pensar em multiculturalismo é pensar sobre identidades plurais presentes em vida social, que executam e que garantem a representação, a apropriação e a valorização dessas identidades em espaços sociais. Sendo assim, o conceito de identidade é compreendido como composição, realizada nas diversas e diferentes esferas sociais. O texto literário é produto social e está na base comunicacional do povo, acompanhando as transformações socioeconômicas pelas quais vão passando as sociedades. A literatura se apresenta com aspectos reveladores da cultura e da mentalidade angolana perante a língua e a memória do povo para refletir as ansiedades e

manifestações, mostrando a influência de antecedentes e fatos de caráter social, cultural e estético.

Nessa esteira de pensamento, ressaltamos que a análise do discurso (AD) trouxe contribuições importantes para os estudos literários ao investigar as condições sociais de produção. Passa-se, então, à focalização de leitura como ato de (co)enunciação, visando ao caráter dialógico entre autor e leitor durante a construção de sentidos que a obra literária sugere. Além disso, a AD enfatiza que durante o processo de leitura e interpretação do texto literário, o sujeito atuante na produção discursiva é constituído de ideologia e de identidade histórica e social, compartilhando ou transferindo para outros aquilo que acredita.

O sujeito histórico da literatura angolana é um competente discursivo, sendo capaz de circular em vários contextos sociais discursivos, interagindo culturalmente, já que domina variados gêneros textuais. Para Maingueneau (1996b, p. 5):

[...] todo enunciado, antes de ser esse fragmento de língua natural que o linguista procura analisar, é o produto de um acontecimento único, sua enunciação, que supõe um enunciador, um destinatário, um momento e um lugar particulares. Esse conjunto de elementos define a situação de enunciação.

Nesse caso, é importante levar em consideração o contexto de produção discursiva, pois se observam não só as capacidades linguísticas do indivíduo, mas também a presença do interlocutor e do meio em que isso é desenvolvido. Em contexto social revela-se como são desenvolvidas as competências por meio do relacionamento do indivíduo com a comunidade e com ele mesmo, revelando sua identidade.

Convém dizer que a literatura, assim como as demais formas de manifestação artística, está inserida em um contexto histórico cultural em que o conjunto de determinados acontecimentos políticos, econômicos e sociais influenciam o conteúdo e a forma das obras literárias. A literatura angolana começa, gradativamente, a ser reconhecida e a ganhar traços definidos com relação à sua forma identitária, representando um papel importante para Angola na criação de um estado novo, na conscientização política e cultural, na formação de uma identidade nacional, com fortes ligações nos movimentos de descolonização e de emancipação do período pós-guerra. Lajolo (1982) afirma que não existe uma explicação correta sobre o que é literatura, porque, em cada tempo e em cada época, grupos sociais concebem uma resposta, uma definição sobre o que é literatura.

A literatura pode, assim, ser concebida conforme o tempo histórico no qual está se desenvolvendo. Ela funciona como um elo comunicativo, na qual a interação entre o texto e o leitor possibilita a construção do mundo e de algumas realidades compartilhadas. Sendo assim, a literatura é o produto da cultura humana, que se realiza através das ciências, da arte, de costumes herdados. A literatura tem a função de levar ao extremo a ambiguidade da linguagem, porque ela mantém uma distância entre o símbolo e o simbolizado, pois fala de elementos do mundo através da linguagem ficcional, sendo o real descrito por meio da imaginação. Destacamos que, segundo Colomer, “os valores, na literatura e na vida, têm muito a ver com o idiossincrático, com excessos que geram significados” (2005, p. 19).

A propósito dessas afirmações, fazer parte do campo literário não significa “ausência de todo lugar, mas, como dissemos uma negociação entre lugar e não lugar, um pertencimento parasitário que se alimenta de sua inclusão impossível” (MAINGUENEAU, 2006, p.92). Nesse sentido, o romance de Pepetela deve ser estudado visando às relações sociais estabelecidas no contexto angolano e, por meio do discurso histórico-social, no qual são definidos contratos comunicativos. Segundo Maingueneau (1995, p.122):

[...] suporte de um ato de discurso socialmente reconhecido, a obra é enunciada através de uma instituição, no caso, um gênero de discurso determinado que ele próprio, num nível superior, mobiliza essa vasta instituição que é a literatura. As condições de enunciação vinculadas a cada gênero correspondem a outras tantas expectativas do público e antecipações possíveis dessas expectativas pelo autor.

A literatura é capaz de estabelecer e antecipar relações entre língua, linguagem, história, sociedade e vida, possibilitando um jogo dialético, em que o sujeito revela a interioridade de sua essência, procurando compreender-se e se situar no mundo, busca entender a sua relação com os outros, sua relação com o mundo. A literatura, possibilita a compreensão da humanidade, e como ocorreram fatos históricos em um dado momento. Assim, uma análise da linguagem não pode ignorar a literatura, pois ela faz parte da construção da língua.

[...] de fato, existe uma relação essencial entre a construção da identidade de uma língua e a existência de uma literatura, de um corpus de enunciados estabilizados e valorizados esteticamente: a produção de enunciados de qualidade dá qualidade de língua (MAINGUENEAU, 2010, p.29).

Com a literatura, é possível, por meio de um jogo dialético, que o homem busque interiorizar-se com o meio social, com sua essência e com o mundo. Na literatura, “a língua coloca à disposição de cada um múltiplo repertório de possibilidades” (PROENÇA, 2001, p.23).

Dessa forma, podemos dizer que o texto literário é ao mesmo tempo, estético e linguístico, pois na literatura depreendemos as duas categorias, entretanto, a literatura é o objeto da linguagem que revela questões ideológicas e sociais.

[...] a matéria literária é cultural. O artista da palavra retira do mundo elementos que, convenientemente organizados, podem representar totalidades e constituir uma afirmação cuja força e coesão não se encontram ao alcance dos profanos. (PROENÇA, 2001, p. 33).

Só há literatura onde existe povo. Pepetela permite-nos situar os diferentes domínios entre linguagem, língua e discurso cultural do povo angolano e suas características. Diante de tais manifestações sociais, propomos um olhar que perpassa a experiência discursiva do tempo refletida no texto de Pepetela, assim, o discurso angolano, apresenta-se não como um círculo vicioso, mas como uma espiral ascendente, onde os discursos dos personagens se entrecruzam entre passado, presente e futuro.

Alguns escritores angolanos, entre eles, Pepetela, tentaram mostrar em suas narrativas parte da história angolana nos períodos de Luta de Libertação de Portugal e o período pós 1975, em que Angola entra no processo de Guerra Civil. O discurso literário aborda parte da história por meio de descrição dos personagens, revelando o modo como veem o contexto histórico do país. Com isso, expressam pelo discurso as manifestações multiculturais, ideológicas e identitárias do povo. Assim, procuramos, neste texto, abordar elementos que demonstram o cruzamento entre a multiculturalidade, com identidade e ideologia angolana, no personagem Júlio Pereira.

3- O romance: uma análise discursiva de *O planalto e a estepe*

Passaremos a analisar a obra “O planalto e a estepe”, à luz da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), destacando a religiosidade por meio do discurso de acordo com Maingueneau (2007). Cabe-nos traçar um paralelo entre o período colonial em que Júlio, (personagem principal na obra) viveu a infância, e o período de combate para independência de Angola, período em que o personagem participou como integrante/combatente e comandante.

Sendo assim, a obra literária aponta que a identidade caracteriza-se pela religiosidade de Júlio, educado dentro dos preceitos do catolicismo, tanto em sua família quanto no colégio católico em que estudava. Na obra, o discurso religioso ideológico, que no caso de Angola, reflete a ideologia e a identidade do colonizador português. No espaço angolano colonial, o mundo real é camuflado, substituído por um mundo imaginário:

Falei com padre Mateus, o qual coçou minha cabeça, na obrigação de ajudar uma ovelha² do seu rebanho mais tresmalhada do que nunca. Não lhe saiu nenhuma ideia válida, apenas me aconselhou a rezar muito e a arrepender-me dos numerosos pecados. (PEPETELA, 2009, p. 21).

O meu professor de Filosofia era outro padre. [...] Quero falar da inteligência e das ideias. Cedo se mostrou um professor diferente dos outros. [...] Um dia disse, quero ensinar-vos a pensar. [...] E lhe perguntei com todo o descaramento o que aqueles homenzarrões eram e o que diziam. Quanto a bolchevique, era simples explicar, os comunistas russos assim se chamavam e ele até me podia explicar porque mais tarde, mas importante agora era isso de ser amigo ou não dos pretos e insistiu, Jesus Cristo disse para sermos todos irmãos e eu fazia muito bem em ser amigo de todos, não havia nisso pecado, antes pelo contrário, pecadores eram os que diziam só os pretos podem ser amigos dos brancos, não o inverso. Esses são racistas e são colonialistas. (PEPETELA, 2009, p. 23).

A religião católica foi imposta no território angolano colonial pelos portugueses, caracterizada como ideal para a nação e superior à religião local. Nos trechos destacados, podemos verificar que o discurso religioso permeia toda a interação entre os personagens. É importante dizer que alguns elementos linguísticos discursivos auxiliam para marcar o discurso de cada um dos sujeitos. No primeiro trecho, temos o verbo “falei” e o pronome pessoal oblíquo “me” marcam o discurso questionador do locutor ao padre Mateus (autoridade da igreja) sobre a forma como foi abordado por homens do governo Salazar. Já o verbo “coçou” e o pronome pessoal oblíquo “lhe” referem-se ao padre e à sua reação perante o questionamento de Júlio. O discurso do padre Mateus revela manifestações sociais e de identidade, que retomam o discurso colonizador.

No segundo trecho, o pronome possessivo “meu” demonstra certa aproximação entre o professor e Júlio, a relação de pertencimento aos mesmos preceitos católicos. “Eu” (pronome pessoal do caso reto) tem a função de caracterizar o pertencimento de Júlio à identidade religiosa revelada pelo padre indiano. “Aqueles” (pronome demonstrativo) e “os que diziam” dizem respeito aos seguidores do governo Salazar que representa a voz do colonizador, apontando para o distanciamento, para a rejeição. O padre indiano representa o discurso de unificação angolana de libertação, o discurso de dominação sociopolítica.

Assim, o discurso religioso racista ora funciona como conciliador pelo padre Mateus, ora como libertador pelo padre indiano. Enquanto o padre Mateus dizia que andar com negros era pecado, o padre indiano dizia que quem não queria que brancos e pretos

² A ovelha do rebanho revela-nos o discurso de dominação religiosa, pois, teoricamente, ovelha é um animal frágil que precisa ser conduzido. No caso do locutor Júlio, o padre tinha que conduzi-lo para que fugisse dos pensamentos revolucionários, ou seja, aceitasse a posição de dominado. A boa ovelha segue as pegadas do por pastor, assim, o locutor discursivo não obra de Pepetela não era uma boa ovelha.

ficassem juntos era colonialista e racista. Logo em seguida, o locutor informa ao leitor o destino que o padre indiano teve pela igreja: “obrigaram-no a partir para o Vaticano e por lá ficar a envelhecer e fazendo estudos de Teologia. Até se perder e esquecer que havia vida no universo. [...] Os homens bons duravam pouco na nossa terra.” (PEPETELA, 2009, p. 24). As convicções ideológicas do padre indiano não atendiam às convicções colonialistas, por isso, foi retirado do convívio da sociedade angolana.

No colégio, Júlio entrava em contato com o modelo ideológico de ensino de Portugal e com os padres que ministravam as aulas. Assim, o colégio também funcionava como referência religiosa ideológica para os estudantes. Depois de realizar as transgressões como: pegar dinheiro da mãe sem permissão para comprar cigarros e fumar escondido, Júlio ia se confessar com os padres que sempre mandavam rezar três Ave Marias e três Pais Nossos. Ainda na adolescência e no relato de memória sobre sua construção identitária, Júlio é obrigado pela família a frequentar o catecismo do Padre Mateus. Não fica contente com os ensinamentos dos religiosos e acaba fazendo críticas aos rituais do catolicismo; como no trecho a seguir.

Mas era difícil chegar ao Paraíso. Pelo menos o padre Mateus não facilitava. Todos estávamos devidamente condenados ao Inferno, pecadores que éramos. Quanto mais nos esforçávamos, mais nos enterrávamos no Inferno, vãos eram os gestos e as rezas. Mesmo depois da comunhão e de todas as confissões. Comparávamos as confissões de uns e outros, entre nós não havia segredos. As confissões eram todas iguais. Iguais também os castigos. Três Ave-Marias e dois Padre-Nossos, ou o inverso, tanto fazia, ia dar tudo à inutilidade, ao Inferno. (PEPETELA, 2009, p. 17).

Ao criticar a ideologia católica, herança ancestralmente ligada à alma lusitana, Júlio se aproxima da cultura dos da terra e de seus companheiros nas aulas de catecismo, os filhos de Kanina. Em outro trecho, podemos verificar o discurso religioso de oposição entre os católicos e as religiões nativas, ou seja, a diversidade religiosa em território angolano e a concepção identitária angolana, fato que caracteriza o multiculturalismo religioso:

Os feiticeiros do Congo eram fortes e meu amigo devia ser um deles. Adivinhou o meu destino claro. Hoje sei de qualquer forma não foi este gesto infantil que forçou o meu destino, ele há muito estava escrito, esse destino adivinhado por qualquer feiticeiro do Congo. (PEPETELA, 2009, p.88)

No trecho em destaque, o substantivo “os feiticeiros” faz alusão às crenças religiosas dos ancestrais angolanos, o pronome pessoal ‘deles’ retoma os feiticeiros

ancestrais. Além de “meu amigo” e “ele” que fazem referência a Kanina, amigo negro de Júlio. É interessante lembrar que a diversidade étnica racial e a miscigenação está presente na obra, sendo um forte indício do multiculturalismo na sociedade angolana. Pode-se dizer, ainda, que Júlio transitava entre os dois mundos religiosos: o imposto por Portugal e o das origens de seu povo. É importante destacar que a busca de identidade, inclusive religiosa, é marca da personalidade de Júlio em todo o discurso narrativo:

A dado momento, acharam-me capaz de comandar um pequeno grupo de homens. Sempre evitei admitir essa capacidade, ela me aterrorizava. Havia alguns tabus no meu espírito para me manter são na guerra. Um, já vimos, era o de nunca considerar a presença próxima de familiares ou amigos do outro lado da barricada; outro, fugir à promoção a cargos que exigissem comando. Tive de aceitar o posto, na guerra se aprende a regra da obediência. No entanto, e para meu terror, em breve me apercebi da razão de uma certa falta de confiança no grupo: os homens tinham passado por cerimônias rituais para blindarem o corpo às balas inimigas. No entanto, se o seu comandante não estivesse blindado, de pouco lhes valeriam as suas proteções, ficavam contaminados pela fraqueza do chefe. Tais dúvidas levavam-nos a muitas hesitações na altura de executarem as minhas ordens e a arranjar sempre desculpas para evitar certos riscos ou apenas incomodidades, tais como marchas nocturnas. Já me tinham advertido desse perigo, sobretudo o comissário político o destacamento, hábil na manipulação das vontades e crenças, para isso era comissário. (PEPETELA, 2009, p. 121-122).

Ao observarmos o enunciado acima, podemos verificar que ele nos apresenta como elementos linguísticos os pronomes pessoais oblíquos “me”, “se”, caracterizando o locutor discursivo. Num primeiro momento, mostra a relação hierárquica dentro do MPLA e o jogo discursivo político. Em contexto de guerra, não há culpados ou inocentes, as fronteiras entre o bem e o mal são tênues e deslizam de um grupo para outro conforme os interesses em questão. Diante desse contexto, as identidades individuais no jogo discursivo de guerra são nulas, pois prevalecem os interesses do coletivo.

Como em toda guerra, existem aqueles que são comandantes e aqueles que são comandados, os empoderados e os descapacitados. O pronome pessoal do caso oblíquo “lhe” refere-se aos soldados, enquanto o pronome pessoal “nos” sugere o comandante e os soldados em uma mesma situação comunicativa. Convém destacar ainda que, neste trecho, a religiosidade dos angolanos se torna importante dentro do contexto colonial de libertação, pois são elementos presentes na identidade, memória e discurso do colonizado/soldado do MPLA. O fenômeno religioso é utilizado para justificar a participação dos angolanos nativos nos movimentos de guerrilha, interferindo, inclusive, na hierarquia do grupo, já que os soldados não querem ir para a batalha por acreditarem que seu comandante não tem corpo blindado, colocando todos em risco.

Entrei na cubata e estava muito escuro, só um fraco fulgor vinha do chão onde ardeu uma pequena fogueira e agora só tinha brasas. Vocês sabem como é uma cubata onde morre uma fogueira. Mal via o camarada que me servia de intérprete e entrou comigo na cubata. Este falou para alguém agachado no chão, junto ao braseiro, um vulto encolhido. Já íamos preparados e entregamos a galinha, isto é, o galo, um galo preto. O quimbanda, um homem velho e mirrado, de barba branca, se levantou então com alguma dificuldade e pegou no galo, sem uma palavra amarrou [...].

Tinha prendido a atenção dos meus companheiros. Todos me fixavam, imóveis. Só o branco dos olhos deles surgia na espessura da noite, onde se escondem todos os mistérios. [...].

- Ordenei então ao meu companheiro para disparar sobre mim, que se lixasse se a vida de um quimbunda fosse um aldrabão [...]

- O galo, nas minhas costas, parou de estrebuchar, depois de duas sacudidas. Eu passei a mão pelo peito mas não senti sangue. O quimbanda foi por trás de mim e cortou o cordel. O galo caiu no chão, morto. Eu estava vivo. E com blindagem da melhor que há. Aqui, bala vira água, não entra – afirmiei, pomposo, batendo no peito. (PEPETELA, 2009, p. 122, 123, 124, 125).

Ainda sobre o discurso religioso e sua representação para os africanos/angolanos, o trecho acima, apresenta-nos uma cerimônia de “blindagem” do corpo para a guerra. Com relação aos elementos em destaque, podemos afirmar que eles fazem referência a pessoas diferentes no discurso. Os verbos “entrei”, “ordenei”, “passei”, “senti”, “afirmei” e os pronomes pessoais “me” e “mim”, mencionam o locutor e comandante de uma tropa de soldados relatando como passou pela blindagem do corpo aos homens do pelotão.

Já o pronome demonstrativo “este” faz menção ao intérprete, que, neste caso, é um intérprete dos costumes e das crenças locais, acompanha o comandante. O pronome indefinido invariável “alguém” pressupõe uma pessoa indefinida no contexto enunciativo; pela cena enunciativa subentende-se que se trata de um benzedeiro, ou a pessoa responsável em realizar o ritual. O verbo no pretérito imperfeito do indicativo “íamos”, engloba na enunciação o comandante Júlio Pereira e o intérprete que o acompanhava. O pronome indefinido “todos” e o pronome possessivo “deles” anunciam os soldados que ouviam o relato do comandante.

É válido destacar que a crença em qualquer localidade do mundo, não é um elemento isolado da sociedade, desenvolve-se em um contexto social e plural, econômico e cultural. No caso em questão, a blindagem do corpo do comandante, mesmo ele contando um fato que não aconteceu, pois o general não participou realmente da cerimônia de “blindagem”, os homens do pelotão acreditaram no discurso rico em detalhes, pois o general era conhecedor das crenças locais. A religião serviu como instrumento social e cultural de identidade naquele contexto, deslocado para instrumento de poder nas mãos de Júlio, que passou a ser respeitado pelos homens que comandava.

Ao analisar o trecho mencionado, podemos destacar que usando a mais poderosa das armas, a fé, assim como os colonizadores portugueses fizeram ao implantar o projeto de colonizar Angola, Júlio o fez, porém, em uma vertente religiosa contrária à dos colonizadores, que impuseram o catolicismo. Júlio, conhecedor do território angolano, mostrou aos soldados que era um homem da terra, que era igual a eles, que acreditava nas crenças angolanas.

Destacamos, ainda, que a relação entre memória discursiva e identidade mostra-se importante na obra em questão. É nas interações sociais que as identidades são construídas; sempre a partir de um conjunto de diálogos estabelecidos em situações é que afloram sentimentos e emoções de pertencimento e de visões do mundo. Com isso, a divisão, no contexto discursivo de guerra, o “aqui” enunciado por “eu”, convida à comunhão, o discurso é manifestado, e, em certa medida, partilhado.

A memória de um povo é muito importante na construção da identidade de uma sociedade. Na obra, essa relação é estabelecida por meio dos personagens, que demonstram o passado distante por meio da memória e buscam um presente melhor. O passado representa o período colonial, o período da escravidão dos angolanos pelos portugueses, e da exploração comercial. Os personagens buscam na memória fatos que podem identificá-los com o presente.

Conclusão:

A literatura angolana, tida como objeto de observação, reserva ao pesquisador uma gama de possibilidades, já que apresenta em seus escritos a diversidade e as particularidades angolanas. A pesquisa oportunizou momentos interessantes, pois a literatura angolana, em especial, a obra “*O planalto e a estepe*”, de Pepetela, apresenta multiplicidade de assuntos importantes: colonização portuguesa, luta de libertação de Angola, guerra civil, multiculturalismo, contexto social contemporâneo, entre outros.

A análise da obra de Pepetela, *O planalto e a estepe*, apontou que a identidade religiosa é representada por meio dos personagens. O romance apresenta Angola com um cruzamento entre identidades culturais, que se entrecruzam nos discursos do cotidiano. Mostrando que as culturas angolanas e portuguesas devem se relacionar, sem que uma se imponha com relação à outra, como aconteceu no passado, possibilitando que as culturas não percam sua identidade.

Além disso, o romance leva ao leitor ao mundo imaginário para demonstrar que a religião católica, que representa a identidade portuguesa convive diariamente com as crenças locais. É importante dizer ainda que conforme afirmam Signorini e Tevês em Angola ocorre o que podemos chamar de heterogeneidade entre culturas, pois podemos perceber que a cultura portuguesa e a moçambicana estão presentes na esfera social moçambicana, através da interação social as culturas são transmitidas e se entrecruzam.

Nesta pesquisa, viu-se, ainda, que Angola é exemplo do contexto africano em relação à história, no que diz respeito ao presente e passado. Tem uma cultura de milênios fundamentada em espaços presentes, como: as tribos, o misticismo, as línguas. O novo surgiu com a independência, em curto espaço de tempo as influências internacionais aparecem na cultura, na língua, em sociedade como um todo. Convém destacar, que a luta do povo angolano pela independência e pela identidade nacional deixou marcas no corpo e memória. E que com a independência, a língua portuguesa foi/permaneceu condicionada ao modelo europeu.

Desta forma, a obra faz um viés entre vários aspectos que compõem a identidade e a ideologia de um povo, que são: raça, culturas, etnias, religião e língua. O romance discorre, ainda, sobre as manifestações religiosas em território angolano, revelando que crenças locais angolanas e o catolicismo convivem lado a lado, que o preconceito entre negros e brancos fica evidente na obra, e que questões relacionadas à raça e etnia são assuntos que causam conflito entre os personagens.

Referências bibliográficas:

CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento. A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1992.

CHARAUDEAU, P. *Para uma Nova Análise do Discurso*. In: CARNEIRO, A.D. (Org.) *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. coordenação da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Editora Brasiliense. Publicação original, 1980. Publicação digital, 2004.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique - experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES, R. *A formação do romance angolano: entre intenção e gestos*. São Paulo, Universidade de São Paulo: Via Atlântica, 1999.

_____. *José Luandino Vieira: consciência nacional e desassossego*. Revista de Letras/Fundação Editora UNESP, vol. 40. Assis: 2000.

CHAVES, R.; MACEDO Tânia (orgs). *Portanto...Pepetela*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2005.

Ervedosa, Carlos (1979), *Roteiro da Literatura Angolana*. Luanda: UEA.

GUIMARÃES, Elisa. *Texto, discurso e ensino*. São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed., Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. "Quem precisa de identidade?" In: SILVA, T.T. (org.), HALL, S., WOODWARD, K. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. *Termos chave da análise do discurso*. Uberlândia: Editora UFMG. 2006.

_____. *O contexto da obra literária*. 1a. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1995.

_____. *Pragmática para o Discurso Literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.

_____. *Elementos de Linguística para o Texto Literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.

_____. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3 ed. Campinas SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

ORDONEZ, S. *Introducción a La semântica funcional*. Madrid: Síntesis, 1992.

PEPETELA. *O planalto e a estepe*. São Paulo: Leya, 2009.

PROENÇA, Domício Filho. *A linguagem Literária*. São Paulo, SP: Editora Ática, 2001.